



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 58

## O barraco do Vicente

**Branca Vianna:** Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

E eu queria começar o programa de hoje dizendo logo que eu não acredito em fantasma. Nem em fantasma, nem em alienígena, nem no Bicho da Fortaleza. Mas eu acredito em coisas não resolvidas. E história de fantasma é quase sempre sobre isso, né? Uma história que não se fechou em vida, uma ferida que ainda tá aberta. Nisso, eu acredito, sim. O que mais tem nesse mundo é coisa mal resolvida.

Pra marcar esse primeiro episódio do Rádio Novelo Apresenta de 2024, a gente tem uma história dessas. É uma história que tá se desenrolando há gerações, que é contada por muitas vozes, e em várias línguas. E que tem a ver com violência – então fica o aviso pra quem tá ouvindo.

Quem vai começar a contar essa história é a Flora Thomson-DeVeaux.

---

**Flora Thomson-DeVeaux:** Quando a Rita era pequena, a família dela viajava com frequência. Mas não pros destinos que você provavelmente tá imaginando. Nem de avião pra Disney, nem de ônibus pra Cachoeiro de Itapemirim, muito pelo contrário. Era avião, ônibus, caminhão, e muitas horas de barco, numa voadeira, rio afora.

**Rita Carelli:** E a viagem era longa, principalmente porque a gente era pequeno e a voadeira muito desconfortável, muito sol na cabeça. Às vezes a gente pegava chuvas torrenciais no caminho, então a gente costumava parar para dormir no barraco do Kiwxí.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O barraco do Kiwxí ficava na beira do rio Juruena, no Mato Grosso. E o Kiwxí, apesar do nome, era um espanhol. Um jesuíta que tinha sido batizado como Vicente Cañas.

**Rita Carelli:** E o Vicente... o Vicente, Kiwxí, é a mesma pessoa, né? É o nome indígena dele e o nome branco. E o Vicente, nessa linha da Teologia da Libertação, eles pregam que é preciso você ter um ofício também, que você se coloque a serviço da comunidade. Você não pode ser só um religioso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** No barraco do Kiwxí, essa polivalência do dono da casa ficava muito evidente.

**Rita Carelli:** E o Vicente, então, ele aprende a fazer próteses dentárias, então, extrair os dentes cariados e tal. Então o barraco tinha muitas próteses de gesso, de bocas de dentes. [ri] E tinha esse armarinho onde ele guardava as medicações e tal. E tava tudo ali. E não podia mexer muito em nada. Então a gente dormia nesse barraco com todos os objetos dele.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Todos os objetos do Vicente, ou do Kiwxí, tavam lá. Mas ele próprio, não.

**Rita Carelli:** A primeira vez que eu perguntei pra minha mãe de quem era aquela casa, ela me falou: "Ah, do Vicente, que era um jesuíta". E eu falava: "Mas cadê ele? Se a gente tá dormindo aqui na casa dele, cadê ele?" "Ah,

ele morreu." "Mas morreu? Mas como? Ele morreu de quê?" "Não, ele foi morto". "Mas ele foi morto? Mas por que que mataram ele?" "Ah, porque ele era amigo dos índios". Essa foi a explicação que minha mãe me deu na época. E bom, isso me causou um pouco de medo durante a vida toda.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Rita ficou com medo, não sem motivo. O nome completo dela é Rita Carelli. O pai dela é o antropólogo e cineasta Vincent Carelli, que a gente já entrevistou aqui no Rádio Novelo Apresenta sobre a história do Tanaru, o chamado "índio do buraco". E a mãe da Rita, a Virgínia Valadão, também foi antropóloga e indigenista. Ou seja.

**Rita Carelli:** Eu falava: "Bom, então nós somos os próximos, porque nós somos amigos deles também". E é o que acontece ainda hoje. Mas a violência sofrida pelos próprios indígenas ainda é muito maior.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A mãe da Rita passou uns oito anos trabalhando com o povo Enawenê-nawê. A aldeia deles era sempre o destino final daquelas viagens. Mas, antes, quase sempre tinha a parada no barraco do Kiwxí. Que era um bom lugar pra pendurar a rede e passar a noite. Mas também era a cena de um crime.

**Rita Carelli:** Eu... [ri] eu sou assombrada pelo Vicente desde criança. Mas pra ser justa, ele é um fantasma muito gentil. Ele nunca foi um fantasma agressivo nem assustador.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E "fantasma" não é só modo de dizer. Naquelas noites no barraco, a Rita chegou a ver o Vicente.

**Rita Carelli:** Eu vi o Vicente levantar a noite, acender fogo...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Jura?

**Rita Carelli:** No barraco

**Flora Thomson-DeVeaux:** Como assim? [ri]

**Rita Carelli:** Eu via ele andar no barraco à noite, acender fogo. Enfim.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Hoje em dia, o Vicente assombra a Rita de outra forma. Mais como uma dívida, um senso de responsabilidade, do que como um vulto na noite.

**Rita Carelli:** Ele vem puxar meu pé de vez em quando, pra eu contar essa história. Então eu decidi escrever esse livro agora, porque eu estou precisando pagar essa essa dívida aí pra parar de ser assombrada pelo Vicente.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Rita tá escrevendo um livro sobre essa e outras histórias chamado O Mundo Fora da Pedra. Mas o título do e-mail que ela mandou pra gente era bem intrigante também. Era: “A saga da calota craniana”.

**Paula Scarpin:** Deixa eu fazer uma pergunta bem idiota?

**Rita Carelli:** Pode fazer.

**Paula Scarpin:** O que é a calota, assim, é só essa parte de cima ou é o crânio inteiro?

**Rita Carelli:** É só a parte de cima, é só a parte de cima, é a tampa.

**Paula Scarpin:** A tampa, entendi.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa é a Paula Scarpin – que, mesmo sem saber o que era uma calota craniana, também ficou fascinada por essa história e quis investigar junto comigo.

**Paula Scarpin:** Vamos começar do começo.

**Rita Carelli:** O Vicente Cañas, que é o dono do crânio, ele é um jesuíta espanhol que veio para o Brasil.

**Paula Scarpin:** O Vicente veio para o Brasil nos anos 60. Em 1969, ele tava trabalhando na missão dos jesuítas, no noroeste do Mato Grosso, quando ele recebeu um chamado urgente.

A área onde o Vicente tinha ido parar era meio que uma zona de guerra. E ainda é uma zona de guerra, na verdade: a chamada fronteira agrícola. Naquela época, trabalhadores que tavam desbravando o mato tavam entrando em conflito com indígenas isolados. Se ninguém fizesse nada, ia rolar um massacre. Ou vários.

Depois de anos de tentativas, uma equipe da Funai conseguiu contatar o povo que tava no meio dessa mira – os Tapayuna, ou os Beiço de Pau, que foi o nome dado pelos brancos na época.

E algum tempo depois do contato, a direção da Funai autorizou que alguns repórteres fossem até a aldeia. Só que um deles tava gripado. Quando Vicente e os outros jesuítas foram chamados, a situação já tava catastrófica.

Os Tapayuna não tinham nenhuma resistência imunológica à gripe. Tinham dezenas em estado crítico. No final, morreram mais de cem. A população da comunidade caiu em dois terços. Os sobreviventes foram transferidos pra outro lugar, e a terra deles foi extinta.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A história do Vicente que a Rita queria contar pra gente começa alguns anos mais tarde. Depois dessa tragédia dos Tapayuna, o Vicente e outros jesuítas – sobretudo o Thomaz de Aquino Lisboa – começaram a tomar a iniciativa de contatar outros povos isolados.

Talvez você esteja pensando: peraí, eles não aprenderam nada? Mas a ideia era fazer diferente dessa vez. Estabelecer o contato antes de ter conflito armado, antes de ter o perigo de um massacre. E fazer com todo o cuidado pra não transmitir doença nenhuma.

Eles fizeram isso em 1971 com outro grupo, os Myky – que foi o povo que deu pro Vicente o nome Kiwxí. E, em 74, foi a vez dos Enawenê-nawê.

**Rita Carelli:** E os Enawenê, depois do primeiro contato com o Tomás e o Vicente, a população deles começa a aumentar vertiginosamente.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Aumentar vertiginosamente. Isso mesmo. Porque o contato significou um acordo de paz.

**Rita Carelli:** Acaba que há uma apaziguação, porque eles têm muito medo dos Nambikwara, com quem eles têm uma guerra histórica, e que eles são sempre um pouco fugindo. Então é feita essa conversa sobre: "Olha, nós não somos mais inimigos, talvez agora o inimigo é outro". Tem esse apaziguamento entre os indígenas nas lutas intertribais. E eles, então... Acabam, enfim, aumentando a sua população. Não tem nenhuma morte decorrente do contato. Então, de uma certa forma, é um contato bastante feliz.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Nenhuma morte. A população aumentou. E os Enawenê-nawê nunca mais saíram da vida do Vicente.

**Rita Carelli:** E o Vicente, ele é um cara... Existem mil histórias sobre ele, sobre a personalidade dele e pessoas que conviveram com ele. É um cara muito radical, que vai muito longe na sua perspectiva da Teologia da Libertação. É um cara que desiste de ser padre, ele não chega a se ordenar como padre, e ele começa a conviver com os Enawenê e entrar na espiritualidade Enawenê, participar das suas festas, pescar, acompanhar os rituais... e a própria figura dele, eu posso mandar para vocês depois uma imagem, assim, do Vicente.

**Fausto Campoli:** Quando a gente chegou, ele tava num barco ali no Porto da Barra, de cabelo cortado igual, usando o brinco, os braceletes, as perneiras. Eu confesso que a primeira vez que eu vi o Kiwxí, eu falei: "Nossa, que loução! Esse cara é jesuíta, né?" Deu um nó na cabeça.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Que jesuíta normalmente não anda assim?

**Fausto Campoli:** Não, ninguém anda assim! [ri]

**Paula Scarpin:** Esse é o Fausto Campoli.

**Fausto Campoli:** O meu nome é Fausto. Sou indigenista desde 1982...

**Paula Scarpin:** Quando o Fausto conheceu o Vicente, ele já tava morando com os Enawenê fazia alguns anos. E ele já tinha feito aquele barraco onde a família da Rita ia ficar se hospedando alguns anos depois.

**Rita Carelli:** Ele constrói um barraco entre Brasnorte, que é a cidade mais próxima, e onde os Enawenê, onde a aldeia Enawenê está instalada. Ele faz um barraquinho ali na beira do rio Juruena... que é mais ou menos no meio do caminho entre a cidade e a aldeia, e ele acaba funcionando um pouco como um cão de guarda ali, ele vê as pessoas que entram no território indígena, inclusive ele talvez seja um dos precursores de instaurar a quarentena para entrar numa aldeia indígena. Alguém passava ali e falava: "Não, a gente está descendo pra ver..." "Não, peraí que você está tossindo, pode descer aí desse barco". E ele deixava as pessoas assim, três dias no barraco pra ele observar se a pessoa tinha sintomas de gripe ou não, se podia liberar pra ele descer pra aldeia.

**Paula Scarpin:** O Fausto sentiu na pele essa barreira sanitária do Vicente. Uma vez, depois de tanto falar de como os Enawenê eram incríveis, o Vicente conseguiu convencer ele a dar um pulo na aldeia.

**Fausto Campoli:** Devia ser mês de julho, sei lá, que tava muito frio, eu tava só de calção, sentado no bico do barco que a gente chama de voadeira. E aí a gente foi até chegar no barraco dele. Os Enawenê tavam, acho que uma duas horas de barco acima... e o barraco dele era um barraco pequenininho, baixinho, e ele fez fogueira dentro. E toda vez que eu fico num lugar fechado que tem fumaça, por reação, me dá coriza. E ele falou: "Ixe, cara, acho que você está com gripe, não vai dar pra te levar"...

**Paula Scarpin:** O Fausto acabou largado ali quatro dias, só de calção, comendo o biju e o peixe moqueado – que é tipo um peixe defumado – que o Vicente tinha estocado lá.

**Fausto Campoli:** Aí quando ele chegou, viu que eu não tava com gripe, ele falou: “Você não tá com gripe”. Eu falei: “Seu filho da puta, me largou sozinho aqui nesse lugar!” Mas era um cuidado que ele tinha que ter mesmo. Gripe nos Enawenê naquela época era uma loucura, porque muito facilmente, em poucos dias se transformava em pneumonia.

**Rita Carelli:** Enfim, hoje em dia os jovens até questionam isso, né, essa política protecionista, né? Mas ele tinha um trauma muito grande do contato com os Beijo de Pau que ele assistiu, e que foi um contato muito, muito trágico.

**Paula Scarpin:** Lembrando que no caso dos Beijo de Pau, ou dos Tapayuna, eles não só sofreram uma epidemia devastadora, como eles perderam a terra deles depois. A missão do Vicente era impedir que qualquer uma dessas coisas acontecesse com os Enawenê-nawê.

**Rita Carelli:** Ele começa a entrar com o processo de demarcação do território Enawenê, né? Tanto ele quanto o Thomaz começam a mexer os pauzinhos pra que os Enawenê tenham seu território reconhecido, né, o seu território homologado.

**Paula Scarpin:** Um primeiro desafio era entender o que que os Enawenê entendiam como o território tradicional deles, porque isso já era um conceito estrangeiro pra eles.

**Fausto Campoli:** “Ah, a demarcação vai passar aqui, daqui pra cá é de vocês, daqui pra cá não é mais de vocês”. “Como não?!”

**Rita Carelli:** A história é comprida, mas os documentos vão, os documentos vêm, e quando chega o mapa final da Funai pra homologação do território, tem todo um pedaço faltando...

**Paula Scarpin:** E não era qualquer pedaço.



**Fausto Campoli:** Tem uma parte fora do território Enawenê-nawê que é sagrada. E é sempre assim. O sagrado quando é tratado... sei lá, vai ter um projeto de mineração, de hidrovía, de não sei o quê, o sagrado dos povos indígenas, ele é banalizado, quando ele é a razão de viver desses povos. Eu acho que mesmo uma pessoa que trabalhou com povos indígenas, tal, não sei o quê... o que a gente tem é uma noçãozinha do que é essa relação com a terra, com o meio ambiente, com as árvores, com os animais. A gente não faz ideia da interligação que eles têm com isso.

**Paula Scarpin:** Essa parte sagrada da terra Enawenê era a parte do Rio Preto.

**Rita Carelli:** Que os Enawenê chamam de Olowiná ou Adowiná, que é um território habitado por espíritos muito poderosos, é um rio que tem um fluxo de peixes muito grande... Vale dizer que os Enawenê, ele só comem peixe, eles não caçam, então, a proteína, a fonte de proteína deles são os peixes. Os rios são os caminhos, eles são um povo do rio, mesmo. E eles faziam grandes canoas de jatobá, de cerejeira, circulavam por esses rios. E esse é um território importante do ponto de vista nutricional, enfim, porque eles fazem uma grande barragem de pesca ali. Tem alguns tipos de... o jenipapo só dá ali. É um território muito fértil, um território de terra preta, e é um território de importância espiritual muito grande. Então é um território crucial para os Enawenê. Só que já tem uma fazenda instalada ali, que é a Fazenda Londrina.

**Paula Scarpin:** Já existia essa fazenda Londrina instalada na beira do Rio Preto – e, pelo jeito, a Funai não tava querendo comprar essa briga pra desapropriar esse pedaço de terra.

**Rita Carelli:** Então a confusão começa.

**Paula Scarpin:** O clima tava esquentando, e o Vicente lá no meio do furacão.

**Fausto Campoli:** Ele era teimoso pra caralho. Eu falei pra ele: “Meu, você tem que vazar, vai pra Espanha, fica um tempo lá, bota outra pessoa e tal, não sei o quê. Você vai dançar, meu”. Eu sei que eu fui o último a falar com o

Kiwxí, o Vicente. Porque a gente tinha... a gente se comunicava por rádio. O Vicente, quando tava no barraco dele, né? E a gente sempre se comunicava por rádio, tal, e na última comunicação que eu tive com ele pelo rádio, ele me disse que no dia seguinte ele tava subindo pra aldeia, que ele tava voltando de Cuiabá, tal.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Era abril de 1987. O Vicente tava voltando pra aldeia porque aquele era um momento importante pros Enawenê.

**Rita Carelli:** Um período muito delicado, que é o período do Yãkwa, que é o período desse grande ritual Enawenê.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Tem até um documentário sobre esse ritual, que a Virgínia Valadão, a mãe da Rita, fez. Chama "Yãkwa, o Banquete dos Espíritos".

**Rita Carelli:** Eles fazem umas grandes barragens de pesca, colocam umas armadilhas, pegam os peixes no momento da piracema, e depois eles desmontam essas barragens e devolvem a liberdade do fluxo dos rios, assim. E essas pescarias, elas são longas. O pessoal fica nas barragens dois meses pescando. E eles vão moqueando esses peixes, né, pra conservar, e depois voltam pra aldeia com os muitos peixes conservados a partir desse sistema.

**Fausto Campoli:** E o Kiwxí sempre, ou tava numa barragem junto com os caras...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Foi isso que o Vicente falou com o Fausto naquele dia, que ele ia voltar pra aldeia e ia pra barragem, pra ficar com os pescadores.

**Rita Carelli:** Ele avisa então vai descer pra barragem de pesca. Só que tem várias barragens de pesca. O Rio Preto é uma barragem importante, mas tem algumas barragens, né, no território. Eles se espalham segundo os clãs. Então, bom, um grupo pensa que ele tá numa barragem, um outro grupo pensa que ele tá em outra barragem...

**Fausto Campoli:** E aí, só quando eles voltaram é que eles perceberam: "Pô, cadê o Vicente? Não tava lá?" "Não tava, não tava". Só aí eles foram sacar

que o Vicente não tava em lugar nenhum. E eles chegaram a pensar – porque eles me falaram sobre isso – eles chegaram a pensar que o Kiwxí de repente tinha ido ver a família dele, que morava na Espanha, tal. E aí, poucos dias depois disso, de eles terem constatado essa falta, tal, é que os outros jesuítas tinham uma reunião marcada com ele no barraco dele e tal...

**Rita Carelli:** Pararam ali no barraco do Vicente, e encontraram o corpo dele na praia. E o corpo dele estava estranhamente mumificado.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Mumificado, mas não deliberadamente. Naquele lugar muito quente e úmido, por algum motivo, o corpo do Vicente tinha só desidratado em vez de apodrecer. Fazia já um tempo que ele tinha morrido, mas ele ainda tava intacto. Deitado ali na areia.

**Rita Carelli:** E o Vicente foi encontrado, então... a gente calcula porque o relógio dele era um relógio que tinha que dar corda, e o relógio dele parou. Acredito que no dia 6 de abril de 87. E pelo tempo que demorava pra corda do relógio, eles calcularam que ele morreu ali, entre o dia quatro e o dia seis.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O corpo dele tava na beira do rio, perto da canoa, que tava meio arrumada. Ele devia tá saindo para a barragem quando alguma coisa aconteceu. Os jesuítas foram até a aldeia pra avisar os Enawenê.

**Rita Carelli:** E aí teve aquela comoção, assim, da aldeia – "Como assim o Vicente morreu?" "O Vicente morreu!"... E eles quiseram então subir para ver, né, eu acho que eles dormiram essa noite na aldeia porque já era tarde, e no dia seguinte, então, eles começam a gritar, eles enlouquecem com a morte, né? E tem uma coisa curiosa, porque entre os Enawenê, depois que uma pessoa morre, enfim, passado o tempo ali do luto e tal, não se fala mais o nome dela. Os mortos são inomináveis. Então eu acho que essa comoção é tão violenta pra dar vazão a toda a emoção da morte. Mas eles fazem uma coisa curta e intensa, né?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Mas para além do luto, alguém tinha que descobrir o que que tinha acontecido com ele. E nesse processo, o corpo dele foi exumado.

**Rita Carelli:** E, nesse processo de investigações, foi retirado um pedaço da calota craniana do Vicente. Por isso que eu chamei a história de "A Saga da Calota Craniana".

**Flora Thomson-DeVeaux:** Além do corpo do Vicente tá meio mumificado, tinha duas coisas estranhas. Tinha uma perfuração no abdômen, e tinha um afundamento na calota craniana. Parecia que alguém tinha dado uma pancada na cabeça dele – o que podia ter provocado a morte.

Os legistas tiraram um pedaço do crânio, e um pedaço do tecido do abdômen, pra analisar melhor. Mas a polícia não parecia muito interessada em nada disso.

**Irmã Michael Nolan:** A gente só estranhava a dificuldade que era pra fazer o processo andar.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa é a irmã Michael Mary Nolan.

**Irmã Michael Nolan:** Eu sou religiosa, congregação das irmãs de Santa Cruz.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A irmã Michael veio dos Estados Unidos pro Brasil mais ou menos na mesma época que o Vicente, também como missionária, em 1968. Ela não sabia uma palavra de português.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Você poderia me contar como foi que você acabou se envolvendo no caso do assassinato do Vicente Cañas?

**Irmã Michael Nolan:** Então talvez um pouco de história ajude... Em 1976, Dom Paulo formou a Comissão Arquidiocesana de Direitos Humanos. Eu fui uma das duas mulheres que foi convidada a participar na comissão. Eu digo que os advogados da comissão cansaram de eu chamá-los pra tirar meus moleques da cadeia.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Cansaram tanto que o Dom Paulo – o arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns – acabou liberando uma bolsa pra ela cursar direito na PUC.

**Irmã Michael Nolan:** E eu fui trabalhar no escritório de Luiz Eduardo...

**Paula Scarpin:** O Luiz Eduardo Greenhalgh, que é mais conhecido pela trajetória política dele – ele foi deputado federal, vice-prefeito de São Paulo na gestão da Luiza Erundina... – mas que é advogado de causas humanitárias, e naquela época – 87, transição democrática – tava muito focado na defesa de desaparecidos durante a ditadura militar.

**Irmã Michael Nolan:** Numa época que foi complicado pra ele, porque muitos clientes dele achavam que uma freira, uma gringa, tinha que ser CIA.

**Flora Thomson-DeVeaux:** CIA, ou CIA [em ing], você sabe, é a Central Intelligence Agency – o serviço de inteligência estrangeira do governo federal dos Estados Unidos. Mas, não, a irmã Michael não tinha nada a ver com a espionagem imperialista norte-americana... o negócio dela eram os direitos humanos, mesmo.

Ela se especializou em direito criminalista, e trabalha até hoje pro CIMI – o Conselho Indigenista Missionário – entre outros lugares.

**Irmã Michael Nolan:** Eu tô com 81 anos, então... Tô perdendo a vista. Mas eu continuo trabalhando.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A irmã Michael lembra de ter entrado no caso do Vicente logo no começo. Ela tava como advogada da família, representando os parentes do Vicente.

**Irmã Michael Nolan:** Você tinha duas provas materiais da morte dele: você tinha o crânio. E vocês tinham um lugar no estômago.

**Rita Carelli:** Eles foram para Cuiabá. Em Cuiabá, no IML de Cuiabá, não conseguiram chegar a uma conclusão. E aí parece que em Belo Horizonte

tinha um centro mais equipado ali pra fazer esse laudo pericial. Então a calota e a ferida do abdômen e o tecido abdominal vão pra Belo Horizonte.

**Irmã Michael Nolan:** Essas duas provas sumiram. O Instituto Médico Legal de Mato Grosso mandou eles para o Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. E sumiram. Então você não tinha mais prova material do crime.

**Paula Scarpin:** Sem esse pedaço do crânio – cuja análise ainda tava em disputa – e sem a parte do abdômen que parecia que tinha sido perfurada... Era como se o Vicente só tivesse caído morto, sozinho. Não tinha prova que indicasse o contrário. E parecia que ia ficar por isso mesmo.

**Rita Carelli:** Algum tempo depois, de novo, eu tenho duas versões da história, que é uma fala de meninos brincando, jogando bola perto da rodoviária de Belo Horizonte, e uma outra versão fala que foi um varredor de rua. Tem duas duas fontes que falam de meninos. Eu adotei essa história, essa versão que eu acho mais simpática. Então parece que tinha uns moleques jogando bola ali perto da rodoviária de Belo Horizonte, e encontraram no lixo, encostada ali no latão de lixo, uma caixa. Eles ficaram curiosos e foram mexer nessa caixa. E na caixa tinha a referência ao Vicente Cañas, aos jesuítas e tal. E os jesuítas de Belo Horizonte faziam um trabalho social ali com a população em situação de rua, com a população em situação de vulnerabilidade social e tal. E esses meninos, então, decidem levar a caixa até os jesuítas.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu cheguei a ler outra versão ainda que dizia que tinha sido um engraxate que achou a caixa. A irmã Michael lembrava que tinha sido uma pessoa em situação de rua que achou e levou pra polícia. Mas o fato é que a tampa do crânio do Vicente Cañas se materializou na rua em Belo Horizonte. E alguém achou, por acaso. Aí, quem teve que ir até BH pegar a calota?

**Irmã Michael Nolan:** Hoje em dia, eu não conseguiria. Imagine passar um crânio pelo raio-X e justificar por que você tá com o crânio. Não experimentaria de novo. Naquela época era jovem, fazia coisas.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ninguém revistou a bagagem da Michael, e ela e a calota chegaram de volta em Cuiabá. E, por motivos de segurança, porque parecia que a polícia não tava lá muito confiável, eles acabaram guardando no cofre, na casa dos jesuítas. Não muito tempo depois, alguém arrombou a casa.

**Irmã Michael Nolan:** Um dia alguém tentou entrar lá na casa e todo mundo acha que ele estava procurando o crânio, porque aí nunca tinha tido nada como isso antes, mas não encontrou. Aí as coisas acalmaram um pouco.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Acalmaram em termos. Porque, nessa época, o CIMI tava brigando em várias frentes, com muitos assassinatos de ativistas, religiosos, e líderes indígenas.

Quatro anos antes da morte do Vicente, em 1983, o líder guarani Marçal de Souza tinha sido assassinado no Mato Grosso do Sul. E, assim como no caso do Vicente, o processo não andava. Daí o CIMI entrou com um pedido pra federalizar o caso.

**Paula Scarpin:** Você deve lembrar dos pedidos pra federalização do caso do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco. No caso dela, o pedido acabou sendo negado pelo STJ.

É bem difícil conseguir a federalização de qualquer investigação – mas ainda mais de homicídio, porque a justiça federal quase não faz júri.

**Flora Thomson-DeVeaux:** No caso do líder guarani Marçal de Souza, o CIMI teve que argumentar que não só o caso precisava sair de onde ele tava, mas que não era só um assassinato que tava em jogo.

**Irmã Michael Nolan:** Até o processo do Marçal, a Justiça Federal não aceitava fazer homicídios de crimes indígenas. Elas não viram a ligação de homicídio com competência da Justiça Federal, porque não viram a ligação com a cultura do povo, que o homicídio estava relacionado com a luta da terra. E depois de dois júris absolvendo o pessoal que matou o Marçal, nós conseguimos uma decisão que deu a competência para a Justiça Federal para crimes ligados com questão de terras indígenas.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A decisão saiu, mas não foi a tempo de responsabilizar os assassinos do Marçal, porque o crime acabou prescrevendo.

Em 1998, o caso do Vicente acabou sendo federalizado também, mas por outro motivo: porque ele tava a serviço da Funai, que é um órgão federal, quando ele foi morto.

**Paula Scarpin:** Mas mesmo antes disso as coisas começaram a andar.

**Rita Carelli:** Nesse primeiro inquérito, seis pessoas são indiciadas.

**Paula Scarpin:** Aqui a Rita Carelli de novo. Ela explicou que, nesse grupo de indiciados, a investigação tinha identificado quatro mandantes e dois executores.

**Rita Carelli:** Entre os mandantes do crime está o Pedro Chiquetti, que é o cara que tinha a Fazenda Londrina...

**Paula Scarpin:** A Fazenda Londrina, que ocupava uma parte sagrada do território Enawenê-nawê. Aquele pedaço que tava sendo disputado no processo de demarcação, que o Vicente tava liderando.

Outro fazendeiro na região, o Camilo Óbice, também foi acusado de ter orquestrado o crime.

A terceira pessoa identificada como mandante foi um sujeito chamado Antonio Mascarenhas Junqueira, que tinha uma ficha corrida bem escabrosa.

**Rita Carelli:** Que é um sobrenome bem conhecido também, pra quem tem envolvimento com essas questões de conflito agrário e, enfim, de perseguição aos povos indígenas. Esse cara, ele participou do Paralelo 11, e eu não sei se isso diz alguma coisa para vocês. Foi um massacre dos Cinta Larga que matou 3500 indígenas.

**Paula Scarpin:** E tinha também outro nome na lista de indiciados que explicava muita coisa.



**Rita Carelli:** Acontece que o encarregado por essa investigação na época, o delegado de Juína, que é uma das cidades próximas ali, depois a gente soube, foi o cara que organizou o assassinato. É o Ronaldo Antônio Osmar.

**Paula Scarpin:** O delegado foi acusado de ter organizado o assassinato.

**Rita Carelli:** Quando a gente faz uma ficção, dizem que a gente tem mão pesada, né, que foi longe demais. Mas a realidade sempre nos surpreende. Eles foram muito espertos quando eles organizaram o assassinato do Vicente, porque eles de fato não usaram arma de fogo. Que teria deixado um indício muito óbvio do assassinato. Eu acho que talvez eles apostassem que esse corpo fosse demorar a ser encontrado. Então eles usaram apenas bordunas e faca ou algum objeto cortante que provocou essa perfuração no abdômen.

**Paula Scarpin:** A defesa tinha uma teoria pra essa perfuração no abdômen, aliás. Disseram que o Vicente podia ter morrido de uma úlcera no estômago que tinha estourado de repente.

**Rita Carelli:** O tal do Ronaldo Osmar, quando ele foi chamado pra depor, ele inclusive sugeriu que tinha ali um tanto de farinha de beiju, ali provavelmente fermentado, e que então ele teria morrido de comer tapioca. [ri]

**Flora Thomson-DeVeaux:** Lembrando que o pedaço de tecido abdominal que podia ter sido analisado pra ver se foi úlcera ou se foi facada também sumiu entre Cuiabá e Belo Horizonte.

Mas ainda tinha a calota craniana. E tinha outra prova: uma borduna da casa do Vicente – como se fosse um cassetete de madeira, ou uma mão de pilão.

**Irmã Michael Nolan:** Você pega a calota e pega a borduna, um match – um encontra o outro. E aí encaixa.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa, de novo, é a irmã Michael Nolan, a advogada do CIMI que pegou avião com a calota. Ela fez aquele voo em 1989. Mas o julgamento

só aconteceu em 2006. Naquela altura, quase todos os acusados tavam velhos demais ou tinham sido assassinados. Sobrou o delegado e um dos acusados de terem executado o crime. A irmã Michael tava como assistente de acusação nesse júri, junto com o Luiz Eduardo Greenhalgh.

Quando eu pedi pra irmã Michael contar sobre esse julgamento, ela foi bem sucinta.

**Irmã Michael Nolan:** O julgamento foi em Cuiabá e os réus foram absolvidos.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Os jesuítas guardaram a calota craniana do Vicente junto com os óculos dele e a borduna, numa capela perto de Brasília.

**Fausto Campoli:** É difícil falar do Kiwxí, porque ele era uma figura ímpar. Ele era... a grande loucura da história, eu acho, como é que uma figura dessa, com a capacidade de viver entre dois mundos, tendo recebido essa influência de uma sociedade que é mais desenvolvida que a nossa, acaba no anonimato, né? É perder demais perder um cara como esse sem que ele seja reconhecido. É a foto do que nós somos.

**Paula Scarpin:** Depois da morte do Vicente, o Fausto acabou assumindo o lugar dele, indo trabalhar com os Enawenê-nawê.

**Fausto Campoli:** Eu fui pros Enawenê três anos depois que ele foi assassinado.

**Paula Scarpin:** Foi a vez dele de mergulhar na vida Enawenê – e, com idas e vindas, ele tá fazendo isso até hoje.

**Fausto Campoli:** Eles têm uma intensidade ritual que eu penso que seja única. São seis horas de ritual por dia, todo dia.

**Paula Scarpin:** Alguns rituais levam meses e emendam no ritual seguinte.

**Fausto Campoli:** E às vezes eu estava sentado ali, e naquela época os Enawenê-nawê não eram conhecidos. Ninguém tinha escrito nada, não tinha

filmado nada. E eu ficava sentado ali, vendo aquela beleza toda, daquele ritual que é um negócio chocante. E pensava: “Porra, no mundo inteiro só eu estou vendo isso. Que privilégio!” A função dos Enawenê é manter a harmonia entre os mundos. Na verdade, eles prestam um serviço a toda a humanidade fazendo isso.

**Paula Scarpin:** Os cantos, as cerimônias... tudo isso, na visão dos Enawenê, ajuda a manter um equilíbrio entre o mundo material e o mundo espiritual. E fundamentalmente, esse equilíbrio tem a ver com três tipos de seres.

Tem os Enorenawê, que é como se fossem os ancestrais dos Enawenê, que moram numa aldeia no céu. Tem os Dakuti, que são como se fossem as sombras dos mortos, fantasmas que vagam pelo mato. E tem os Yakariti, que são seres do submundo, que controlam doenças e são os donos dos recursos naturais. Tem que respeitar eles e negociar com eles sempre que se interage com a terra.

O Fausto lembrou de uma vez que um líder Enawenê foi visitar a região do Rio Preto – aquela terra sagrada que tava sendo disputada na demarcação.

**Fausto Campoli:** Fazia muito tempo que ele não ia para lá. E aí ele voltou horrorizado.

**Paula Scarpin:** Horrorizado porque ele tinha visto como a terra tava sendo tratada. Mas não era só a terra.

**Fausto Campoli:** Ele voltou muito nervoso, bravo e falou: "Agora eu entendo vocês. Vocês são tão ignorantes a ponto de não entender o que são os Yakariti, porque os caras estão derrubando tudo e a preservação da mata do ambiente é algo fundamental para esses seres. Mas todos nós vamos sofrer as vinganças desses seres. O problema é que vocês são ignorantes a ponto de não conceber isso. Vocês são como um barco com motor 40" – que é o que ele conhecia de mais rápido – "indo em direção a uma cachoeira que é a morte certa. E vocês são tão numerosos e tão poderosos que vocês vão arrastar a gente junto. Logo nós, que trabalhamos para manter a harmonia do universo".

**Paula Scarpin:** O Fausto acha que o Vicente percebeu a mesma coisa. E que foi por isso que ele dedicou a vida a esse povo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Pode parecer, mas a história não tá acabando ainda, não.

**Carol Hilgert:** Quando eu comecei a trabalhar com ela, que eu era estagiária, eu já ouvia falar do caso, né? Desde aquela época eu escuto a história do crânio, né?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa é a Carol Hilgert, que trabalha com a irmã Michael no CIMI. Ela entrou na organização em 2010, quatro anos depois do julgamento que absolveu os acusados da morte do Vicente.

Lá no CIMI, o caso era meio lendário – por causa das décadas de trabalho, por causa da história da Michael carregando um crânio no aeroporto...

**Carol Hilgert:** O caso tava meio dormente, porque já tinham tido os júris e aí tinha tido absolvição. No fim, só tinha sobrado o delegado e o processo estava lá nos recursos...

**Flora Thomson-DeVeaux:** O caso da morte do Vicente parecia tá caminhando rumo ao esquecimento. Mais alguns anos e podia prescrever, por causa da idade do acusado. Se prescrevesse, ia ficar com o resultado do primeiro julgamento. E mesmo que eles conseguissem um segundo julgamento, isso não era garantia de nada.

**Carol Hilgert:** A gente até ficava ponderando: "Será que é melhor prescrever, ou ter outra absolvição?"

**Flora Thomson-DeVeaux:** O ano era 2017. Tava fazendo trinta anos da morte do Vicente.

**Carol Hilgert:** E aí a Michael me falou: “Olha, você vai lá pra esse evento do Vicente Cañas”. E você precisa achar uma testemunha para o nosso caso”. Eu falei: "Nossa, trinta anos depois, eu acabei de chegar. Como é que eu vou achar uma testemunha aqui?"

**Flora Thomson-DeVeaux:** Só um parêntese aqui. Já tinha tido testemunha no primeiro julgamento. Foram principalmente indígenas Rikbaktsa, que é um povo vizinho dos Enawenê, porque naquela época os Enawenê, seguindo as práticas de luto deles, ainda não tavam falando sobre o Vicente.

**Carol Hilgert:** Era a palavra dos Rikbaktsa contra a palavra dos acusados. E os acusados sustentavam uma versão de que o Kiwxí poderia ter sido assassinado pelos próprios Enawenê-nawê.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu levei um susto quando a Carol me falou isso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E qual seria o motivo nesse caso?

**Carol Hilgert:** Porque eles falavam uma visão bem racista, assim, dizendo que os Enawenê-nawê eram selvagens, que eles não admitiam, que era muito duro para os indigenistas assumirem que ele tinha sido morto pelos próprios indígenas.

**Paula Scarpin:** Tem outra coisa que a gente não mencionou ainda. Duas, na verdade. Dois incidentes trágicos que aconteceram logo antes da morte do Vicente. E que podiam ser uma prova de que se tratava de um povo violento. Aqui o Fausto Campoli de novo.

**Fausto Campoli:** Antes os Enawenê tinham matado dois topógrafos e depois, inclusive, uma família inteira. E aí, quando sai no jornal – "ah, os índios mataram, não sei quê" — aí entra naquela história de espaço sagrado, entendeu? Pros Enawenê, se alguém invade o espaço sagrado e deteriora, tal, que vai derrubar árvore... tá infringindo uma relação que vai forçar os Enawenê a terem uma conduta. Caso contrário eles vão ser penalizados por

esses seres poderosos, porque eles têm esse compromisso com esses seres.

**Paula Scarpin:** Era essa visão que a Carol e a Michael tavam precisando no segundo julgamento. Essa compreensão da cultura Enawenê – que ajudava a explicar como aquelas mortes anteriores não tinham nada a ver com o Vicente.

E quando a Carol chegou naquele evento dos 30 anos da morte do Vicente, o Fausto tava lá.

**Carol Hilgert:** Eu conheci o Fausto Campoli. Então o Fausto foi a nossa única testemunha diferente depois dos 30 anos de processo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Trinta anos depois da morte do Vicente, teve um segundo julgamento, com a Michael e a Carol no time de assistentes de acusação, junto com Paulo Guimarães. Dessa vez, só tinha sobrado um réu: o ex-delegado, o Ronaldo Osmar, acusado de ter orquestrado a morte.

**Carol Hilgert:** E eu acho, por exemplo, que a calota craniana nesse julgamento de 2017 não fez nem diferença. Inclusive ela nem foi apresentada.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Do jeito que a Carol me descreveu, parecia que o centro de gravidade do julgamento tinha mudado. Da calota craniana do Vicente pra toda a visão de mundo dos Enawenê.

**Carol Hilgert:** Os Enawenê-nawê se fizeram presentes no julgamento nesse de 2017.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Lembra: no primeiro julgamento, os Enawenê não participaram porque eles tavam justamente naquele momento de guardar o luto, em que eles nem podiam falar sobre o Vicente. Mas, nesse segundo, trinta anos depois, eles já puderam ir.

Então, foi o primeiro julgamento que os Enawenê-nawê sabiam o que estava acontecendo, se fizeram presentes, e ainda tiveram todo esse lado, a versão deles colocada no julgamento pelo Fausto.

**Carol Hilgert:** O Fausto foi muito fundamental, e ele nem entende o quanto, porque como testemunha, ele só viu a parte que ele participou, né? Ele não vê o julgamento todo, a testemunha, né?

**Flora Thomson-DeVeaux:** A gente não conseguiu ouvir o depoimento do Fausto nesse julgamento. Mas, depois de conversar com ele, dava pra imaginar como deve ter sido.

**Fausto Campoli:** Então o lance de ele ser jesuíta, tal, não sei o quê, tal... Bom, não sei como ele passou por isso, mas ele ultrapassou isso. Ele era um ser que vivia entre dois mundos. E ele lidava muito bem com isso. Essa é a grande... tanto que eu falei que quando eu vi o Kiwxí a primeira vez, eu achei ele loucação, tal, exótico... Mas depois fui convivendo com ele, e fui vendo que aquilo era uma coisa natural nele. Tanto que depois que você convivia com ele, você nem via que ele estava de brinco, o cabelo cortado Enawenê, tal, não sei o quê... Mas eu fui entender mesmo o Vicente depois que eu conheci os Enawenê. Porque ele absorveu... ele absorveu parte do ser Enawenê.

**Carol Hilgert:** Para os Enawenê-nawê, o Kiwxí era um Enawenê.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Enquanto o Fausto ia falando, a Carol ia dando uma olhada nos jurados.

**Carol Hilgert:** É que a gente fica ali olhando... você vai contando como que as cabecinhas vão fazendo sim ou não, né? [risos] Eu lembro que quando o Fausto falou, os jurados estavam assim, totalmente atentos e fazendo sim com a cabeça o tempo todo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** No fim, saíram quatro votos iguais, seguidos. Favoráveis à condenação. O ex-delegado Ronaldo Osmar foi condenado a mais de 14 anos

pelo crime. Só que mais de seis anos depois, o Ronaldo, a única pessoa condenada pela morte do Vicente, ainda tá solto.

**Carol Hilgert:** Olha, o Ronaldo ainda está solto porque a decisão de segunda instância ainda não transitou em julgado.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E tem um agravante: em 2024, ele faz 70 anos – o que faz o tempo de prescrição do assassinato cair pela metade.

**Carol Hilgert:** Eu duvido muito que um dia ele vá preso. Hoje, já na minha cabeça eu já lido com a vitória moral de ter condenado ele.

**Irmã Michael:** Com Marçal, nós conseguimos a federalização, mas deu prescrição. Com o Vicente, a gente conseguiu a federalização e conseguiu uma condenação.

**Rita Carelli:** O que significa, o que significa botar esses caras pras grades ou não?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa, de novo, é a Rita Carelli, que trouxe essa história pra gente.

**Rita Carelli:** O Brasil acho que tá no topo da lista de países que mais mata ativistas, líderes comunitários, enfim, ativistas ambientais. E o que a gente está vivendo é uma sensação de que isso aqui realmente é terra de ninguém.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Mais importante, enfim, o castigo serve para dissuadir, mas o julgamento serve para chegar, o inquérito e o julgamento servem para chegar até uma verdade. E assim, quando se pensa numa vitória simbólica, tem uma vitória simbólica nesse estabelecimento "oficial", entre aspas, de uma verdade, de que ele não morreu de tapioca. Ele morreu por ser amigo dos índios, que foi o que sua mãe te contou lá atrás. Então isso, enfim, isso não é nada.

**Rita Carelli:** Isso é muito. Isso é muito.



**Paula Scarpin:** Além de tá escrevendo um livro sobre essa história, a Rita tem feito filmagens.

**Rita Carelli:** A gente filma os Enawenê, meus pais, enfim, depois eu e parceiros nossos, os Enawenê desde 89, que foi quando a minha mãe começou a frequentar lá. E a gente tem filmado mais de 300 horas de material Enawenê. Então é muita coisa.

**Paula Scarpin:** Uma das cenas que a própria Rita gravou mais recentemente foi com o Fausto e com o Kolarenee Enawenê, que é um sotakatare.

**Fausto Campoli:** O sotá, na língua Enawenê é o verbo saber. Sotakatare é "o cara que sabe", é o cara que é o conhecedor dos cantos, que é uma coisa que é uma loucura porque os cantos não se repetem. Os caras que são sotakatare, eles têm uma capacidade memorial que a gente perdeu há muito tempo.

**Paula Scarpin:** Nessa tentativa de manter a memória dessa história viva, a Rita pediu pro Kolarenee recontar como foi a morte do Kiwxí. Na cena, o Kolarenee tá andando pelo barraco, pela cena do crime, reconstruindo o que devia ter acontecido como se tivesse sido ontem.

**Fausto Campoli:** "O Kiwxí tava bem aqui. Ele tava bebendo café".

**Paula Scarpin:** Essa é a voz do Fausto, traduzindo o que ele diz pro português.

**Fausto Campoli:** "Um dos caras que vieram matar o Vicente tavam aqui. Aqui tava o outro. Ele já tinha começado a carregar o barco, levado a arma dele. A mochila dele. E bebeu café enquanto os caras estavam escondidos aqui em volta. Aí os caras chegaram. Provavelmente ele deve ter tentado conversar com os caras, chamou os caras. Ele deve ter percebido que estava cercado porque tinha um cara naquela porta, um cara nessa janela, um cara na porta de entrada. Aí os caras entraram e deram uma cacetada nele aqui. Pegaram a mão de pilão e deram uma pancada na cabeça dele. Aí ele foi andando meio tonto aqui pra fora. Quando ele chegou aqui, os caras

esfaquearam ele no diafragma. Por isso que aqui tinha muito sangue da mão dele na parede nessa posição. Ele foi cambaleando, cambaleando. E aí caiu bem aqui. Bem aqui. Eles deixaram ele morto aqui e foram embora”.

“Ele tinha dito para gente que entre 3 e 5 dias ele ia voltar para a barragem onde nós estávamos. Aí se passaram vários dias, a gente ficava perguntando: 'Mas e onde está o Vicente que não veio aqui como tinha falado?' E aí a gente foi para a aldeia. Quando ele chegou na aldeia, todo mundo ficou se perguntando: 'Mas cadê o Kiwxí?' Foi aí que o Thomaz chegou na aldeia trazendo a notícia. Quando nós ouvimos que o Kiwxí tinha morrido, a gente caiu numa tristeza profunda. Aí nós viemos aqui. E nós vimos o Kiwxí morto aqui. Nós ficamos muito tristes. E aí, embora dentro dessa tristeza toda, nós enterramos ele aqui”.

**Paula Scarpin:** Depois, vieram os peritos.

**Fausto Campoli:** “E aí não foi só uma vez, eles voltaram, pegaram a cabeça e levaram. Vocês querem o pedaço do crânio do Kiwxí que foi levado daqui de volta? Ele fala: 'Nós queremos muito'. Queremos muuuito. Nós queremos muito isso de volta, nós vamos enterrar aqui. Nós queremos muito que isso se resolva. A gente não quer o esqueleto incompleto. Ele morreu, ele tá aqui. Ele era único. O Kiwxí, tendo se tornado um de nós, se tornou um dos nossos ancestrais espíritos”. Olha a carinha que ele fala isso. “Nós temos o Kiwxí. Ele virou Enorenawê. Ele está na aldeia dos Enorenawê, nós sabemos. Entendeu?” Ah, aqui ele está falando de mim, não tem nada a ver.

**Rita Carelli:** Ele tá falando que você vai virar Enore também!

**Fausto Campoli:** “Quando você morrer, você vai se tornar um de nossos ancestrais”. Ele tá falando. Mas você não precisa anotar isso, pô, é do Kiwxí a história.

**Rita Carelli:** Eu tô anotando, Fausto, fica quieto... [risos]

**Flora Thomson-DeVeaux:** Do lado do barraco do Kiwxí, estão enterrados quase todos os restos mortais do Vicente Cañas. Mas ele só vai descansar de verdade, ali na beira do rio Juruena, quando o processo da morte dele também descansar.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, a diretora de pesquisa da Rádio Novelo, com a Paula Scarpin, a nossa diretora de criação.

Obrigada à Rita Carelli por ter compartilhado essa história com a gente. O primeiro romance dela se chama Terra Preta – e a gente fica esperando o livro dela sobre o Vicente, sobre a infância dela, sobre e os Enawenê-Nawê, chamado “O Mundo Fora da Pedra”.

Essa história foi produzida em parceria com o Brazil LAB do Instituto de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos – que é uma iniciativa acadêmica que considera o Brasil um nexu planetário vital.

Obrigada por ficar com a gente até o final desse primeiro episódio do Rádio Novelo Apresenta de 2024.

Não deixe de dar uma passadinha no site da Novelo pra ver fotos do Vicente/Kiwxí, e da Rita Carelli com a família dela – e com o Fausto também.

Lá no site também tem uma seção chamada "envie uma pauta". Clica lá se você quiser saber o melhor jeito de mandar uma história pra gente, que nem a Rita fez.

Os episódios do Rádio Novelo Apresenta são disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

E não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitter e no Instagram, no @radionovelo, e marcar a gente sempre que for recomendar ou comentar algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e pela Marcella Ramos.

A montagem foi feita pela Mariana Leão.

Nesse episódio, usamos música original da Stela Nesrine e do Amon Medrado, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças essa semana foi feito pela Natasha Gompers.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.